



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

LAÍS NUNES

(depoimento)

2012

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Entrevistada: Laís Nunes

Entrevistadora: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Local da entrevista: Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes – Rio de Janeiro.

Data da entrevista: 22/03/2012

Processamento da Entrevista: Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Páginas Digitadas: 14 páginas

Número da entrevista: E-485

Data da autorização para publicação no Repositório: 05/10/2014

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

SUMÁRIO

Inserção e trajetória na Luta Olímpica; Mudança para São Paulo e atuação no SESI; Apoio da família; Conquistas pessoais na Luta Olímpica; Motivação e sonhos para o futuro no esporte; Interesse de público nas competições de mulheres; Mídia; Políticas para maior valorização da modalidade; Possibilidade de praticar outras modalidades de luta; Fonte de renda; Diferenças entre a modalidade masculina e feminina; Rotina de treinamento; Feminilidade e práticas de lutas; Mudanças no corpo atribuídas à Luta Olímpica.

V: Neste momento me encontro com a atleta Laís Nunes, da seleção brasileira de Luta Olímpica. Laís, conte sobre a sua inserção na modalidade. Como você chegou até a luta olímpica?

L: Posso falar?

V: Lógico... (rsrs).

L: Então, na verdade, eu conheci a luta quando eu tinha... Estava na escola quando eu tinha treze anos. Eu já tinha feito judô quando tinha uns cinco anos de idade. Mas não foi muito tempo. Este mesmo professor de judô passou na escola, falando que ia ter judô de novo. Então eu fui iludida achando que ia ser um projeto de judô. A princípio seria mesmo um projeto de judô. Só que pra um município como o meu lá, que é Barro Alto no interior de Goiás, um projeto desses ia ser muito caro. Então o que aconteceu, ele conhecia a luta olímpica, foi onde ele começou a apresentar a luta olímpica. Que era mais simples, mais barato. O pessoal todo ia dar para fazer. Só o quimono é muito caro, entendeu? Então, foi onde eu nem sabia, acabei que eu fui, acabei que eu gostei. Comecei a fazer luta olímpica lá. Depois da minha primeira competição, que foi aqui no Rio de Janeiro, eu continuei até hoje.

V: Descreva, então, sua trajetória esportiva depois que você entrou na Luta Olímpica, as competições...

L: Então, eu competi, aí quando eu tinha quinze anos, ia ter uma seletiva em Brasília, que tinha um projeto lá, centro-oeste, que reunia uns atletas do Brasil, e só poderia ficar maiores de idade. Mas eu fui. Só para treinar mesmo com a minha equipe. Acabou que eles me escolheram. Falaram que queriam ficar comigo. E ficou eu e mais duas pessoas de Goiás. A Camila, que está em São Paulo comigo hoje e um outro, que era o Abis, que voltou para Goiás. E aí a gente treinou lá um ano. Passado este um ano, acabou o projeto, eu estava em uma competição no exterior, aí descobri lá. Nisso eu já tinha conhecido o Ale, que é meu técnico hoje, e tinha conversado com ele sobre a possibilidade de acabar o projeto e que eu não teria para onde ir. Foi onde ele pegou meus dados, disse que realmente queria que eu estivesse no projeto do SESI e que ia me

ajudar e aí eu passei meus dados para ele. Depois que eu voltei da competição lá, eu nem fui a Brasília pegar minhas coisas. O pessoal que trouxe as minhas coisas para mim. Até hoje eu nem sei onde tem coisa minha. Acabou que eu fui para São Paulo. Aí cheguei lá e fiquei morando lá de favor uns seis meses lá, sem receber nada, porque eu era menor de idade, então deu um problema também com os documentos. Aí passou esses seis meses e eu comecei a receber já, continuei morando com o pessoal. E como você pode ver estou lá até hoje no SESI. No começo foi mais difícil a trajetória. Vontade de desistir. Vontade de voltar para casa. Eu era muito nova e, sabe, para meter a cara e encarar tudo isso. Eu só não passei fome por que Deus não deixou mesmo. Mas eu lembro que tinha fim de semana que eu ia comer na casa dos outros porque não tinha comida em casa, por que até então a gente não recebia nada do SESI, fiquei morando de favor, dormi em colchão de ar, no frio de São Paulo, então... foram muitas coisas. Eu lembro que eu fui para São Paulo eu tinha só uma mochila nas costas e cinquenta reais. Eu não tinha mais nada. Mas mesmo assim, ainda acreditava, ainda tinha um sonho. A única coisa que eu não queria era voltar para Goiás, mas o resto, eu estava com coragem para encarar o que viesse. Só não queria desistir naquele momento que já tinha chegado ali, entendeu? Foi quando eu resolvi encarar São Paulo. Fui só com a coragem. Não tinha família e a princípio assim, a maioria das pessoas tinha família lá, no fim de semana todo mundo ia para a casa dos pais, da família, e eu ficava sozinha. Aí era a hora que batia aquela coisa: Pô o que eu estou fazendo aqui? Será que é realmente isso que eu quero? Tipo e aí né? Olhava para o lado e não tinha ninguém. Várias vezes deu vontade de desistir, no começo, assim, mais pela dificuldade mesmo. Com coisas novas que eu não tinha conhecido, não tinha passado. Mas com o tempo a gente vai se fortalecendo em cima justamente dessas coisas. Então, hoje eu vejo assim que foi só um passo, foi só um aperfeiçoamento para me fortalecer, entendeu? E acho que todos os dias é isso. Todos os dias me fortalecendo e hoje estou lá no SESI, São Paulo, graças a Deus estou lá na seleção. E a trajetória é essa, e a gente vai ver aonde vai quando chegar, mas espero que no objetivo certo.

V: E o que você viu na Luta Olímpica que te fez pensar “isso aqui é para mim”?

L: Então, na verdade, eu sempre gostei, assim, eu sempre senti essa coisa de, eu sempre gostei de lutar. Eu sempre senti uma coisa assim, como se, sabe, se eu nasci para fazer

alguma coisa. Como se eu tivesse uma missão. Como se... É o maior engraçado falar nisso assim, tipo, eu não comento com todo mundo, mas eu sempre senti isso. Que eu já tinha nascido para conquistar alguma coisa. Mas eu nunca sabia o que era. Só que eu sempre tinha a visão que era uma coisa maior, que era uma coisa maior, que um dia assim eu ia sair, sabe, do interior que um dia eu ia ter chance de conhecer outros lugares, conhecer outras pessoas, mas eu não sabia que era através da luta. Então, quando a luta entrou na minha vida, tipo, meio que foi um baque. E eu comecei a gostar, pelos movimentos, pela adrenalina de lutar. Então, quando eu tive minha primeira competição que eu fui campeã, eu já “opa”, peraí que esse negócio aqui... Eu gostei neste negócio, dá para mim, por que não? Foi onde eu comecei a ver que, que eu dava certo para o negócio, entendeu? Eu gostava, eu gosto na verdade da adrenalina, eu gosto de entrar no tapete, eu gosto de saber que ali eu não vou lutar, não estou lutando simplesmente contra alguém, eu estou lutando contra eu mesmo, entendeu? Contra os meus, contra os meus medos, contra os meus receios, contra os meus limites, os limites que eu me imponho todos os dias. Então ali é um, eu coloco que é um campo de zona, onde eu vou me provar. Então, eu gosto destas sensações de desafio, eu gosto da sensação de me vencer. O que eu mais gosto da Luta Olímpica é isso, é a adrenalina que ela me dá. É a força de vontade que eu sinto quando estou lá no meio. É isso, não tem como explicar, é um sentimento único, assim sabe, é amor mesmo.

V: E a sua família? Como é que ela reagiu a isso?

L: Então, quando eu saí de casa, né, eu tinha quinze anos. Virei para o meu pai e falei “Pai! Eu acredito...”. Eu sempre morei com meu pai, assim. Morava com minha mãe e meu pai, mas no fim estava morando com meu pai. E eu virei para ele e “Pai, eu quero ir, eu acredito que pode dar certo, isso é o meu sonho e eu queria saber do senhor o que o senhor acha, né”. Meu pai falou assim: “Filha, é isso mesmo que você quer?” Eu falei: “É pai, é isso mesmo que eu quero”. Oh, e ele me explicou tudo, como era o mundo. “O mundo é assim, assim, assim. As pessoas são assim. A casa dos outros não é a nossa casa.”. E começou a me dizer como era, entendeu? Para mim, quando eu saí de lá, saí sabendo como, o que eu iria enfrentar. Então, agradeço a Deus assim, que graças a Deus, meu pai sempre me apoiou. Todas as viagens internacionais que ele precisava assinar para mim ele assinava. Por que ele sempre acreditou em mim. Embora assim ele

seja um pouco distante, mais pela distância, mas eu vejo assim, eu vejo assim, eles têm orgulho de mim, ele me apoia. Quando tem uma competição eu sempre falo com meu pai. Ele sempre torce por mim. É que eles são meio desentendidos, eu acho mais por ser lá do interior e tal, por não ter muito conhecimento. Mas a minha família, eu luto por eles assim, depois de mim, eles são as pessoas que eu luto. Eu luto por eles. Sabe, pra um dia eu voltar para lá e dar uma condição melhor para eles, meu pai, minha mãe. Pra ajudar eles, então graças a Deus eu tenho apoio dos meus pais. Eles sempre me incentivam, e acreditam em mim. Então, isso já é o que importa para mim.

V: E tem mais alguém na família, irmãos, que tenham ido para o mundo esportivo?

L: Então, no começo, tinha... Tava eu e meu primo e minha irmã. E a minha irmã foi até campeã brasileira na mesma época que eu fui, tal. Minha irmã tinha muito talento. Mas aquilo, não adianta né, porque eu acho que é coisa de gostar mesmo, entende? E eu acho assim, que se a minha irmã tivesse a mesma chance que eu tive lá em Brasília, ela estaria também no mundo da luta e seria uma pessoa muito boa, porque eu lembro que na época minha irmã tinha muito mais, muito mais garra assim, sabe, mais coragem. Ela sempre foi... minha irmã sempre foi uma pessoa decidida, determinada. E ela foi campeã, sabe. O problema é questão de oportunidade. É que é aquilo, não adianta você ter talento se não tem oportunidade. Então foi o que aconteceu no caso dela, talento ela tinha e tem até hoje, entendeu? Meu primo também, só que eles eram mais novos que eu, por exemplo, minha irmã tinha catorze na época e eu tinha quinze. E aí se custou para mim entrar imagina para ela que tinha catorze. Então, não deram oportunidade para ela, entendeu? Foi onde ela desistiu. Por que eu também saí de lá, acabou o projeto lá. Ela não teve chance de continuar. Nem ela nem meu primo. Mas eu acho que se tivesse continuado eles estariam comigo hoje firme e forte. Eu acredito nisso.

V: E como você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento, com condições de ir para uma seleção brasileira?

L: Então, acho que em cada competição. Acho que eu costumo encarar isso... Eu costumo, sabe, encarar todas as competições da minha vida como um ciclo, entendeu? Eu costumo a fazer um ciclo. Então acho que cada competição que eu tive para chegar

na seleção, tudo foi um passo. Então a cada passo que ia dando certo eu ia acreditando mais, entendeu? Porque a cada passo que vai dando certo você vai confiando mais. Então pô, eu consegui ser campeão brasileira, eu já, ôpa, Já acreditei, entendeu? Fui para uma competição internacional, já medalhei, eu ôpa. Então cada isso, vai... vai nos dando uma confiabilidade, então foi onde eu vi, peraí, eu tenho condições, por que não? Eu sempre faço tudo da minha vida acreditando, por que se eu não acreditar, eu não vou fazer. Eu só faço se eu acreditar que vai dar certo, se eu não tiver um pingão de fé que aquilo vai dar certo, de que vai... Eu não faço. Por que acho que não tem necessidade, se eu não acredito não tem por que insistir. Então eu continuei insistindo porque eu acreditava. Que um dia eu poderia estar entre os melhores, que um dia eu poderia estar na seleção. Então foi isso, foi as competições que foi me dando confiabilidade a cada dia. Treinando duro.

V: Certo. Descreva as suas conquistas pessoais dentro da Luta Olímpica.

L: Então, eu acho que lutar traz muita disciplina. Além da disciplina te faz ter um caráter, um caráter... Vai moldando o caráter dentro de você que você não consegue descrever, entendeu? Você aprende a lutar, não só quando você tá no tapete. Você aprende a lutar todos os dias na vida. Você aprende a lutar com as dificuldades, que é, sabe acordar cedo todos os dias, você aprende a lutar com as dificuldades que é situações que, às vezes aparece e você não tá preparado pra aquilo, mas você no meio da luta você aprende isso. Você se sente um lutador não só lá dentro do tapete, mas fora do tapete. Então, o que a Luta trouxe pra mim foi mais do que vitórias, mais que conquistas, foi oportunidade de crescer, oportunidade de ser uma pessoa melhor, oportunidade de conhecer culturas, de conhecer lugares, de crescer mesmo, de crescer como pessoa, de ter disciplina, de ter caráter, responsabilidade. Então, isso é... Isso não tem preço. Acho que mais que conquistas e medalhas, caráter não tem preço, entendeu? Então, é uma coisa que a cada dia está sendo moldado Graças a Deus e graças a Luta também.

V: E o que te motiva a manter-se como atleta, a continuar...

L: Sonho, o sonho olímpico. Acho que todo atleta tem o sonho olímpico, então eu também, como todos os atletas, eu também tenho o meu, entendeu? E acho que é o maior sonho de todo atleta é o sonho olímpico. Que por mais que a gente conquiste mundial, conquiste Panamericano, Sulamericano, uma Olimpíada é onde realmente, entendeu? É entre os melhores do mundo todo. Então, para mim o que mais me motiva hoje é amor. Amor que eu tenho por lutar, entendeu? É a vontade que eu tenho de estar, de representar o Brasil agora em 2016, este sonho que está me motivando para continuar, entendeu? Embora com todas as dificuldades, com tudo né, que atleta tem, mas isso que me motiva todos os dias.

V: Como você vê a relação e o interesse do público com a Luta Olímpica, mais especificamente, com Luta Olímpica feminina?

L: Como assim?

V: Por exemplo, nas competições, que público está ali presente, se eles reconhecem vocês como atleta.

L: Ah, claro. Hoje em dia não tem mais aquilo, assim “Ah, mulher não pode lutar. Ah, mulher...” Não, hoje em dia as mulheres comandam, entendeu? Hoje em dia já está tão evoluído esse negócio, que mulher é mais independente do que homem, mulher ganha mais do que homem. Não tem essa. Não tem que haver preconceito em relação a se é homem ou mulher. Não, tá todo mundo ali no meio, todo mundo treina igual, entendeu? Todo mundo se esforça igual. Todo mundo tá ali pra lutar igual. Então, tipo assim, em relação ao público, é normal. O mesmo público que assiste o masculino assiste o feminino, torce igual. Hoje as mulheres estão tendo... Estão fazendo uma grande diferença no mundo do esporte, entendeu? Grandes medalhistas são mulheres. Então, eu não vejo mais que tem preconceito ou que nada disso também não, sabe. E tem mais apoio também. As mulheres, querendo ou não, na Luta Olímpica, as que mais dão resultados são as mulheres, entendeu? Então, não tem mais esse negócio.

V: Não só em relação a preconceito, mas o público presente nas competições.

L: Então, é o mesmo. É sempre o mesmo público que assiste a competição masculina assiste a competição feminina.

V: E a mídia? Como você vê a relação da mídia com vocês atletas da Luta Olímpica feminina?

L: Então, é assim: Foi pior já, já foi pior. Hoje, eu acho que por estar encima os Jogos Olímpicos, Mundial e tal, eles têm tido uma repercussão maior. Tem tido mais interesse, sabe, em estar acompanhando os nossos treinos, os nossos resultados. E é bom pra gente porque, querendo ou não, não faz crescer só a Luta feminina, é a modalidade. A gente tá falando de Luta Olímpica, tá tudo incluído: livre, masculino. Então, pra gente é bom. A gente, claro, quer ver que o Brasil um dia seja reconhecido mundialmente como potência na Luta Olímpica, entendeu? Então, eu acho importante a mídia estar sempre vendo nossos resultados, sempre acompanhando tanto o masculino também, apoiando o caminho deles. Acho interessante e importante até pra divulgar o esporte no país que não é reconhecido nem nada né.

V: Então, o que você acha que ainda falta no Brasil para que a Luta Olímpica seja mais valorizada, mais transmitida, melhor remunerada?

L: Divulgação, conhecimento. Primeiro as pessoas tem que conhecer, entendeu? Elas têm que conhecer. Por exemplo, a Luta é o esporte que é mais praticado no mundo e isso é, não tem, quem falar que não é, é porque não conhece o esporte, entendeu? É o esporte mais antigo das Olimpíadas e ponto. Então, tipo assim, é o esporte mais antigo das Olimpíadas, se o Brasil... A gente, por enquanto, tá atrás. Porque em todos os países da Europa e da América, os grandes países da América, todos eles são potência, são bons e conhecem. Mas é que o Brasil ele não se preocupa muito com o esporte individual. O Brasil ainda tem aquela visão muito voltada pra esporte coletivo, só vôlei, sabe, vôlei, futebol. Mas ele tem que entender que o Brasil não é só o país do futebol não. O Brasil um monte de atleta bom de luta. Tem atleta que tá esperando ser reconhecido, entendeu? E é isso. Acho que o pessoal não conhecimento do que é a Luta, não sabe quão grande arma é a luta pra desenvolver um país, entendeu? Se começasse ali na base com as criancinhas, quantos campeões iam ter? E como o Brasil seria

reconhecido nessa Luta? Falta de conhecimento do pessoal mesmo que não sabe o que é a Luta Olímpica porque não tem divulgação, entendeu? O Brasil ainda é muito falho nessa parte. Eles investem demais em esporte coletivo. Não tem visão ainda pra saber que é esporte individual. Quanto mais investir em esporte individual mais medalha... mais chances de medalha você vai ter, entendeu? Então, é uma coisa assim, né. Acho que é falta de conhecimento mesmo.

V: Me fala sobre algum sonho que você realizou ou que você pretende realizar através da Luta Olímpica e alguma frustração ou decepção que você tenha encontrado pelo caminho.

L: Sonho, assim, eu ainda não... Eu conquistei alguns, claro. Tipo, cada Panamericano que eu alcancei foi um sonho que eu sonhei antes pra alcançar. Então, já tive vários sonhos alcançados em relação a competições, em relação a conhecer lugares que eu nunca imaginei conhecer, de ter sensações e experiências que eu nunca... Pra mim foram sonhos conquistados, entendeu? E também de estar fazendo faculdade através da Luta. Isso são sonhos que estão sendo conquistados todos os dias. Ainda tenho outros que eu tenho sonhado. Mas, assim, a maior frustração é em relação geral ao esporte mesmo. A política que acontece dentro das Confederações, entendeu? É mais a política que acontece mesmo, às vezes, isso frustra a gente, entende? Que, às vezes, você tem talento, você se esforça, você faz sua parte, mas nada disso é maior do que a política deles lá dentro, nada disso é maior do que o dinheiro que eles têm lá dentro, que eles decidem, entendeu? Às vezes, ah, eu não fui com a sua cara, mas eu ganhei. Mas eu não fui com a sua cara, tchau. Então, Graças a Deus, tipo assim, eu sempre procuro... Já aconteceu comigo, claro, mas eu sempre procuro, assim, sempre continuar. Eu acho que contra fatos não há argumentos, entendeu? Então, se você ganha sempre, sempre, sempre, uma hora eles vão ter que cair do cavalo, entende? O mais frustrante, acho que não só pra mim, mas para a maioria dos atletas, é isso. É, às vezes, política. Às vezes, a política que eles fazem lá dentro, às vezes as escolhas que eles fazem lá dentro, que, às vezes, acaba injustificando nós atletas. Acaba nos prejudicando, acaba prejudicando o nosso sonho e o trabalho que a gente tem feito. Porque a gente não aqui brincando, não. A gente tá aqui se esforçando. A gente tá gastando um tempo da nossa vida aqui,

entendeu? Então, acho que é mais por isso mesmo, por questões de política mesmo que custa a todos os atletas.

V: E uma curiosidade. Por coincidência você estava em Salvador na Academia do Luiz Dórea, interessada no Boxe e no MMA. É um projeto futuro?

L: É. Por que não? Eu sempre... Eu graças a Deus eu sempre tive muita coragem, assim. É aquilo, se eu acreditar eu tenho coragem pra ir. Então, graças a Deus, a única coisa que tem me prendido mesmo agora pra não entrar... Porque se seu pudesse, se eu não conhecesse a Luta Olímpica... Acho que tudo é um caminho porque, por exemplo, se eu fosse entrar hoje pro MMA, eu tenho uma base, eu tenho base de wrestling, que é hoje, olhando pro MMA, uma base importantíssima, entendeu? Então, olhando assim pra isso, eu não acredito que nada é por acaso, então, eu acredito que isso não é por acaso. Mas antes disso, antes de ir MMA, eu já tinha um sonho olímpico, então, eu não quero pular etapas. Primeiro eu quero concluir isso na minha vida, tentar. Eu vou tentar isso 2016, não importa o que eu tenha que fazer, o que vai acontecer. Eu vou tentar com todas as forças pra eu dizer, realmente, “eu tentei”. Depois, se não certo, sabe, de repente, ah, peraí, realmente, pra mim... Porque eu não acredito que depois de 2016 o esporte no Brasil vá continuar crescendo não. Pra mim, depois de 2016, é a minha visão: “Esquece!” Ah, esquece, vai caçar um emprego. Sei lá. Entra pra outro tipo de coisa. Porque, pra mim, eu acredito que não... Acredito que depois de 2016 pra mim... Então, é onde eu tô pensando também eu vou estar nova. Se Deus me der força e graça, até lá eu vou estar com 23 anos. Pra mim vai ser vantagem, entendeu, porque eu já vou ter bagagem nas costas. Então, eu vejo o wrestling como um caminho. É isso que eu tenho pensado. Claro que eu deixo tudo na mão de Deus. Mas é uma visão. Eu tenho uma visão, claro, de que se não der certo pra mim eu penso em ir pro MMA, tentar. Por que não? Porque eu não tenho nada a perder. Eu vou entrar lá com a cara e com a coragem que e vou tentar como todo mundo, como todas as mulheres que entram estão tentando também. Então é uma visão futura sim. Eu gosto muito de Boxe. Na verdade, meu sonho antes de ser atleta de Luta Olímpica, eu sempre quis ser boxeadora. Nunca deu certo. Mas eu faria também por paixão, por amor, por gostar de Boxe, tentar outros esportes. Eu tentaria sim depois de 2016. Mas primeiro eu quero fechar esse ciclo aí.

V: Hoje você vive de Luta Olímpica? Ou você depende de outros trabalhos, outras atividades pra se manter?

L: Graças a Deus agora eu tô no Projeto do SESI e o que eu ganho não é ruim e também não sou rica. Mas eu consigo me manter bem, eu consigo comer melhor, consigo treinar melhor. Eu consigo porque, como a gente mora em São Paulo, então, eu pago aluguel, eu pago minhas coisas, eu tenho que pagar um monte de coisas. Mas, eu consigo tipo, guardar um dinheiro e consigo viver bem, comer melhor, treinar melhor, dormir melhor, me dá o conforto de uma cama boa, entendeu? Então, não posso reclamar, assim, claro, acho que, por isso. Se fosse por dinheiro ninguém tava na Luta, se fosse por dinheiro, porque eu acho que nenhum esporte. Se fosse por dinheiro ninguém tava no esporte. Porque esporte não dá dinheiro assim. A não ser que você seja né, esteja ali na mídia toda hora. Mas se você ainda tiver ali no caminho como nós estamos, é por amor mesmo. Por amor e por força de vontade.

V: Só um detalhe: sua renda então vem do SESI?

L: Do SESI.

V: Bolsa Atleta você não recebe?

L: Não, não. É também recebo Bolsa Atleta, só que ainda não começaram a pagar, mas também recebo.

V: Então, você percebe alguma diferença entre a Luta Olímpica feminina e masculina, em qualquer parâmetro, regras, competição, remuneração?

L: Não. Não, tá tudo igual. Se você ganhou, se você fez, independente de ser homem ou ser mulher vai ter o valor e o reconhecimento dele, entendeu? Então, eu não vejo diferença não. Hoje em dia já está mais assim, as mulheres estão mais... Estão conseguindo evoluir mais em questão de Olimpíadas e no Mundial do que homens, entendeu? Talvez até mesmo por ser mais é menos concorrido. Talvez por ser menos concorrido, mas não sei se isso influencia muito. Independente disso eu também

trabalhei duro, eu treinei forte, eu também tava ali. Eu também perdi peso. E foi isso. Eu não tenho culpa de ser mulher. Nasci mulher, mas nasci guerreira, entendeu?

V: E como é a sua rotina de treinos no cotidiano?

L: É todos os dias. Duro todos os dias, segunda a sábado e a nossa rotina é essa. A gente, na verdade todos os dias eu começo a treinar... Quando eu tô no SESI eu começo a treinar as oito e meia da manhã, aí para umas onze, onze e meia, às vezes meio-dia, almoço e, quando dá duas horas eu volto de novo, que é onde é a preparação física, faço até umas quatro e meia, depois eu vou pra faculdade. Isso todos os dias durante a semana. E quando eu tô aqui é a mesma coisa: treino de manhã e à tarde. O único descanso que a gente tem é o horário de almoço pra dormir, pra descansar, pra fazer alguma coisa. Porque, nem à noite, por exemplo, eu que faço faculdade, tenho descanso. Eu tenho que sair correndo, às vezes, do treino porque minha casa é longe da faculdade. Tenho que pegar o ônibus e gastar uma hora e meia até chegar na faculdade. Então, é uma coisa assim, meio difícil, entendeu? Mas que a gente tem que se adaptar a isso. Se adaptar às situações e tentar fazer o melhor possível.

V: Sua faculdade é de quê?

L: Administração.

V: É algum projeto para o futuro?

L: Porque eu quero um dia ser administradora, mesmo. É um projeto futuro administrar o esporte.

V: E a faculdade é por consequência da Luta? É através de bolsa?

L: É bolsa. Eu luto pela faculdade.

V: Só pra complementar, nos dias de luta ou que antecedem as Lutas, a rotina muda? Tem alguma preparação especial?

L: O que acontece é a gente ficar concentrado no local de treino pra ter concentração total. Por exemplo, a gente tá preparando pro Panamericano. Então, a gente vem aqui pro CEFAN por duas semanas antes da competição pra dedicação total. A gente treina duro de manhã e de tarde, né.

V: E você acha que as exigências corporais e técnicas da Luta Olímpica, elas interferem na sua feminilidade?

L: Assim... É sempre mais difícil no começo quando você vê as mudanças, porque quando eu comecei a entrar na Luta Olímpica eu vi que eu tava ficando musculosa, você começa a se assustar, né. Mas depois é normal. Tipo assim, eu não me preocupo muito em relação ao que os outros vão achar do meu corpo. Não, eu não me preocupo muito com isso. Porque o meu corpo é o meu instrumento de trabalho. Então, se o meu corpo não estiver bem, se não estiver de acordo com o que eu preciso para lutar, eu vou estar atrás, eu vou estar perdendo. Então, eu não me importo muito assim em relação a gente que “Ah, você parece um homem” ou ah, coisa que eu já escutei que eu tô parecendo um traveco e tal. Mas, eu também não me importo, entendeu? Antes de tudo eu sei qual é a minha feminilidade. Tipo, depois que eu saio dali do tapete eu sou uma mulher. Ali dentro eu continuo sendo mulher. Mas eu sei que dentro eu tenho que agir com outros tipos de... outras grosserias, com outras coisas, entendeu? Mas não importa, eu continuo sendo uma mulher. Eu tenho isso e não me importo muito com o que os outros pensam não. Pra mim, eu sei qual é a minha... Eu sei o que eu sou, entendeu? Eu sei o que eu tenho que ser em relação ao meu corpo. Sei que eu tenho que ser forte, porque senão não dá. Não posso competir com as melhores do mundo como uma lady, uma mocinha. Não, eu tenho que ter garra de mulher forte. Então, eu vejo isso como uma coisa normal. Não acho ruim não. Não ligo também.

V: Pra você, então, o que é ser feminina?

L: Ser feminina? Ah, eu acho que é ser sensível, claro, sabe, tipo... É ser, é continuar sendo mulher, tipo assim, nos momentos que tem que ser. Por exemplo, quando eu tenho que chorar eu choro. Quando eu tenho que ser sensível eu sou sensível. Quando

eu tenho que ser determinada eu também sou. Então, eu acho que ser feminina é ser feminina na ocasião certa. É ser feminina sempre. Na hora que você tem que fazer aquilo, você faz aquilo. Você vai se adaptando aos momentos certos, às situações certas, mas sem deixar de ser feminina. Acho que ser mulher é isso. É me adaptar a todas as situações sendo eu mesma, entendeu? Isso.

V: E sobre o seu corpo. Você está satisfeita como ele é hoje?

L: Assim, mais ou menos. Ah... eu até estou satisfeita como o meu corpo é hoje, mas tem algumas coisas que eu ainda gostaria de mudar, assim, em mim, entendeu? Não, assim, mudar, tipo, melhorar. Por exemplo, eu gostaria de melhorar meu abdômen. Eu gostaria de melhorar, eu quero melhorar, entendeu? Pode ficar melhor. Não que ele seja ruim e tal, mas na minha visão eu sei que ele pode ficar melhor. Então, é uma coisa que eu gostaria de mudar. É mais por mim mesma, sabe. Eu gostaria de um dia ter meu abdômen trincadão, claro. Mas eu vou conseguir, eu vou conseguir. Vou fechar a boca. Respondi sua próxima pergunta, né?

V: Sim, sim (rsrs). E o que mudou em seu corpo que você possa associar a sua prática na Luta Olímpica? Aos treinos, toda rotina.

L: Então, quando a gente vai trabalhando duro, todos os dias, forte, seu corpo vai mudando porque você vai se fortalecendo, entendeu? Por exemplo, quando eu comecei, eu era uma coisa esmirrada. Eu só tinha a coragem mesmo e parecia um touro. Só tinha vontade de vencer. Mas o corpo era uma coisa, assim, parecia um macarrão, entendeu? E, é sério, e tipo, hoje eu já vi que minhas pernas estão mais fortes, eu tenho malhado, então, já tô ficando... Assim, aí o corpo vai se fortalecendo, você não é mais como antes, seu corpo vai mudando. Você vai ganhando mais músculos, menos gordura, entendeu? Então mudou muito em relação a quando eu comecei. Pra Luta Olímpica isso bom, porque quanto mais forte eu ficar, mais músculos eu tiver e menos gordura eu tiver, melhor pro meu rendimento.

V: Antes de encerrar eu pergunto o que a Luta Olímpica significa pra você?

L: É meu... É amor mesmo, é amor. Não tem... Acho que pra mim, eu não consigo imaginar a minha vida sem lutar. É como se... Sabe quando você se acostuma com uma coisa e você não consegue deixar essa coisa, você não consegue saber que você vai viver um dia e não vai poder fazer isso? É como isso. Eu não consigo imaginar. Por exemplo, quando eu fico de férias, uma semana eu já tô, ah, eu preciso voltar; duas semanas... Porque já faz parte da minha vida. É como se já fizesse parte de mim, entendeu? Eu amo lutar. Eu amo a Luta Olímpica. É um esporte que eu não deixaria de fazer, que eu não deixaria de tentar nunca porque significa muito, significa muito, é... Já faz parte de mim, não é algo extra. Já está dentro já. Então, já é de sangue, tá no coração e no sangue já.

V: Laís é isso. Você gostaria de comentar algo sobre o que a gente conversou ou sobre o que não conversou.

L: Não, não. Só isso mesmo.

V: Então, brigada. Eu sei que estou interferindo no seu sono da tarde. Mas a sua fala será muito importante pra essa pesquisa.

L: Tá tranquilo (rsrs).